

MARIA TERESA HORTA: A VEZ DO SENTIMENTO INTRÍNSECO FEMININO

Ruth Soares GUEDES (UFPA)¹

Orientadora: Sandra Maria JOB (UFPA)

Resumo

O presente artigo foi elaborado com a finalidade de apresentar as características da escrita de Maria Teresa Horta e analisar semanticamente e estruturalmente o poema “Invenção” contido no livro *Poemas Para Leonor*. Para o melhor desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico de acordo com os estudos de Bittencourt (2005), Bridi (2009) e Oliveira (2001). Ao final deste trabalho foi possível detectar que Maria Teresa Horta é uma referência na luta em prol das mulheres, ao trazer as vozes de mulheres oprimidas na história política ou literária.

Palavras-chave: Pós-Modernismo. Maria Teresa Horta.

1 Introdução

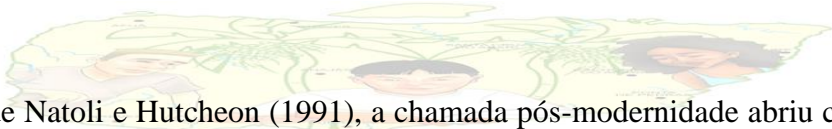
Como já é sabido, em Portugal assim também como no Brasil, tivemos várias e incansáveis vozes de poetisas em meio às crises políticas. Segundo estudiosos, diante de umas das ditaduras mais longas da história moderna, muitas vozes não se calaram em Portugal e uma delas se sobressai, segundo Bittencourt (2005), por ser a voz de uma mulher que fala da condição humana e da condição feminina com bastante atrevimento, ou seja, ela fala de algo que é do conhecimento comum, no entanto, se encontra em um cenário onde esse tipo de escrita não é vista com bons olhos pela sociedade que ainda é retrógrada. Mas para entender o universo da autora é preciso conhecer a sua obra e saber como foi o contexto cultural de Portugal na época.

Nesse sentido, o movimento emergente em Portugal nesse período é o Pós-modernismo que, segundo Mastella (2012), pode ser debatido como sendo uma reação ao Modernismo. No entanto, de acordo com Jameson (2006), muitos indagam sua própria subsistência ou adequação. Hutcheon (1991), por sua vez, argumenta que o Pós-modernismo é um acontecimento incompatível, que usurpa e abusa, estabelece e depois desorganiza, os próprios conceitos que desafia: seja na arquitetura, na literatura, na pintura, na escultura, no cinema, no vídeo, na dança, na televisão, na música, na filosofia, na teoria estética, na psicanálise, na linguística ou na historiografia.

Jameson (2006) afirma que o Pós-modernismo tem como finalidade associar o aparecimento de novos conceitos manifestos na cultura com o surgimento de um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica, podendo ser denominada como: modernização; sociedade de consumo pós-industrial; sociedade da mídia e do espetáculo ou o capitalismo multinacional.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras- 2015/UFPA-Breves.

GUEDES, Ruth Soares. Maria Teresa Horta: a vez do sentimento intrínseco feminino. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131



Sob o prisma de Natoli e Hutcheon (1991), a chamada pós-modernidade abriu caminho para uma nova contra interdisciplinaridade que controla os estudos científicos, com uma dissemelhante estrutura que analisa áreas como: a história dos estudos culturais, gênero e sexualidade, nacionalismo e identidade nacional, colonialismo e pós-colonialismo, raça e etnia, cultura popular e a sua audiência, ciência e ecologia, identidades políticas, pedagogia entre outras.

E é nesse cenário que Maria Teresa Horta começa a escrever suas primeiras obras. Obras nas quais, de acordo com Bittencourt (2005), ela discute a condição da mulher, de modo que o seu falar do amor é com bastante profundidade. Bittencourt (2005) ainda reitera que Horta tornou-se um grande incômodo dentro de uma sociedade que não estava aberta para esse tipo de acontecimento, isto é, uma sociedade em que a figura feminina era oprimida, não tinha voz, não tinha direito algum, só deveres, como por exemplo, de cuidar dos desejos do marido, de satisfazê-lo. Dessa forma, Maria Teresa Horta, toma partida, em outras palavras, sai da sua zona de conforto e começa a falar sobre sexo, sexualidade. Vejamos, ela é uma mulher que fala de um assunto totalmente inaceitável à ser retratado por alguém do gênero feminino, numa sociedade extremamente machista. Através disso, pode se imaginar o porquê de tantas perseguições que ela sofreu, por apenas falar do seus sentimentos mais intrínsecos.

2 Alguns dos efeitos da escrita de Maria Teresa Horta

Afirma Bittencourt (2005) que a questão que faz com que Maria Teresa Horta incomode é o fato de ela ser uma poetisa do corpo, e ainda por cima, do corpo da mulher e não no sentido do corpo da mulher para o homem, mas da mulher para si própria. Então isso incomoda imensamente. Ainda segundo a autora, a censura decide proibir o livro *Minha Senhora de Mim* publicado em 1970, um livro que foi considerado pornográfico, pela sua linguagem erótica.

Aponta Bridi (2009) que neste livro ela tem um gesto extremamente corajoso e comprometido com a causa das mulheres que é de ir até o Trovadorismo português, na literatura medieval portuguesa e tomar posse de uma voz que era da mulher, mas que era uma espécie de travestimento de um poeta homem, que eram as cantigas de amigo. O próprio título do livro é revelador, pois, segundo a autora, além de evocar um pouco da sonoridade das cantigas de amigo, ele é uma afirmação da mulher que toma posse de si mesma, com todas as suas complexidades, seus desejos e com pleno exercício da sexualidade.

Diz Maria Teresa Horta, de acordo com Oliveira (2001), em uma conferência inédita proferida na USP em 2007, durante o XXI Encontro dos Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa:

Minha senhora de mim foi, pois, um livro determinante, quer na minha obra, quer na minha vida pessoal. Depois de o publicar, fiquei só na planície ardente. E até a aragem que me fazia mover os cabelos, era de brasa.

Tinha infringido os códigos, tinha tomado de assalto na Literatura a coutada masculina da escrita erótica, com dístico à porta, prevenindo: mulher não entra! E eu entrei, extravasando. Ou seja, escrevendo como mulher sobre o corpo da mulher, sobre a sua-minha sexualidade, o seu-meu arroubo e prazer; sobre o seu-meu gosto-gozo: sem estereótipos, sem mitificar nada. Escrevendo igualmente sobre o corpo do homem, tornando-o objeto do desejo feminino.

Segundo Bittencourt (2005, p. 12), o livro foi lançado em plena ditadura fascista, por causa dele Maria Teresa Horta recebeu um processo, teve a obra retirada de circulação e chegou a ser espancada na rua.

Oliveira (2001) retrata que isso não a calou. Em seguida uniu-se à Maria Isabel Barreno e à Maria Velho da Costa e juntas criaram *Novas Cartas Portuguesas*, um livro que é um verdadeiro divisor de águas entre a literatura já estabelecida e a nova literatura portuguesa.

Em 1972, de acordo com Oliveira (2001), foi a publicação coletiva do livro *Novas Cartas Portuguesas*, consequentemente, se arma uma grande confusão em torno disso. Elas são processadas por atentar a moral e aos bons costumes. A autora afirma que o projeto das *Novas Cartas Portuguesas*, surge em decorrência dessas circunstâncias, de três amigas que resolverem discutir, de um modo bastante contundente, a condição da mulher portuguesa e a condição da mulher de um modo geral, e é por isso também que essa obra tem muita repercussão fora de Portugal, em virtude disso elas se tornaram inclusive, “As Três Marias”.

Ainda em conformidade com a autora, a obra delas se tornou até mesmo, como podemos dizer, um antecedente da Revolução dos Cravos², que Oliveira (2001) afirma que foi um antecedente à essa Revolução, que não era político nem econômico, todavia era um antecedente cultural, e um fato cultural de grande importância.

Oliveira (2001), conclui que mesmo com um país mergulhado por quase 50 anos na ditadura, Maria Teresa Horta não se calou, superou o período de horror em Portugal, e sua obra marcou o processo de emancipação da poesia feminina portuguesa. Mais do que um olhar para a condição feminina, sua obra é um olhar da mulher sobre si mesma.

² Segundo Secco (2004), foi um movimento militar de esquerda, em 1974, que derrubou uma das mais reacionárias ditaduras no século XX, a portuguesa. A revolução daquele abril, a última alimentada pelo discurso socialista na Europa, ganhou rapidamente o nome de Revolução dos Cravos, graças às mulheres que distribuíam, desde o seu início, flores para os soldados.

GUEDES, Ruth Soares. Maria Teresa Horta: a vez do sentimento intrínseco feminino. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131

Ler Maria Teresa Horta, em conformidade com Bridi (2009), significa nos colocar diante de nós mesmas, e isso é algo que também é relevante para os homens, pois eles também precisam desse “outro” que é a mulher, para se ver e se reconhecer. É uma poesia e uma obra que nos obriga a olhar para nós mesmas.

Para uma melhor compreensão da obra de Maria Teresa Horta, traremos o poema “Invenção” contido no livro da mesma, *Poemas Para Leonor*, para um breve análise.

Se é por mim que traço
o teu retrato,
a sobancelha, a boca
o pensamento

É por ti, também
que já o guardo
e o demoro naquilo que eu
invento

A mão descida ali
o ombro inclinado
Os dedos descuidados
o gesto de que me lembro

Se é por mim que faço
o teu retrato
dizendo de ti mais do que
entendo

É por ti que o testemunho
e faço:
o nariz, a face dissimulando os dentes

Deixo para o fim os lábios
os olhos deste mar
com a cor do luar
a meio de Agosto

Se desvendo de ti o sol-posto
é porque vejo o coração
amar
e nada mais me dá tamanho gosto.

Este poema possui 6 quadras e 1 terceto, e é escrito em versos livres e brancos, com exceção nas duas últimas quadras.

Ao analisar este poema podemos inferir que ele retrata um eu poético que está a delinear o retrato do seu amor, tendo suporte em recordações da fisionomia dele/a. Isto é possível quando se

está apaixonado, pois o amor nos proporciona diversas sensações e emoções, fazendo-nos enxergar coisas que outrora não víamos em certo alguém.

Através do poema também podemos notar um eu poético que não é egoísta, ou seja, que não pensa só em si mesma, mas também no/a amado/a, como demonstrado na primeira quadra, no primeiro verso “Se é por mim, que traço o teu retrato”, e na segunda quadra, no primeiro verso “Se é por ti, também que já o guardo”. Em outras palavras, o ato de “desenhar” o/a amado/a lhe causa prazer, felicidade, o ato também é, ao mesmo tempo, uma forma de carinho, de agrado ao ser amado, como pode ser lido no verso “(...) já o guardo/ e o demoro naquilo que invento. Nos termos grifados (“demoro” e “invento”), o eu lírico enfatiza o seu amor. É como se ele, o eu lírico, se deleitasse com a criação dele/a na sua imaginação: “a mão descida ali, o ombro inclinado...”.

Na terceira quadra, podemos perceber que o eu poético está à desenhar na sua imaginação, minuciosos detalhes do corpo de seu amado, pelo fato de estar tão apaixonada e engajada na tarefa de recordar com bastante precisão, traços de alguém que ela não precisa estar face a face para delinear seu corpo.

Na quarta quadra, o eu poético, toma voz mais uma vez, porém agora para justificar o porquê de tanto exagero para falar do seu bem amado, como nota-se nos versos: “Se é por mim que faço/ o teu retrato / dizendo de ti mais do que/ entendo”. Sobre isso podemos constatar que o eu poético diz que tudo o que fala de bem sobre ele/a, ela o faz é para si mesma, por ela, isto é, fala para se sentir realizada, bem consigo mesma. Mas, na sequência, no terceto,

É por ti que o testemunho
e faço:
o nariz, a face dissimulando os dentes

o eu poético se refere a ele/a, enfatizando que faz esse retrato imaginário também por ele/a, pois “É por ti que o testemunho”, isto é, comprova para ele o porquê de ela fazer o retrato desse/a amado/a, que é pelo fato de lhe querer bem, e querer que ele saiba disso. Mais adiante no verso “e faço:/o nariz, a face dissimulando os dentes”, podemos concluir, que esse amado pode não ter dentes vistosos, e o eu poético não quer retratar isso, não mostrar talvez, defeitos desse alguém que é tão admirado e enaltecido no poema. Isso nos retoma ao que já foi dito anteriormente sobre o eu poético, que ele não é egoísta, pois, também faz por ele, o/a amado/a, para haver a reciprocidade entre os dois.

Na penúltima quadra, o eu poético expõe nos versos: “Deixo para o fim os lábios/os olhos deste mar/ com a cor do luar/ a meio de Agosto”. Que tarda para o fim os lábios e os olhos, pois, estes são os ápices do desenho imaginário, visto que pela boca é onde se concretiza o amor dos dois,

e os olhos, o eu poético compara com a cor do mar e com a beleza do luar, no calor presente no mês de agosto.

E, por fim, na última quadra, pode-se depreender que o eu poético explica o motivo pelo qual decidiu fazer esse retrato. O motivo, no caso, é porque está amando e ama também esse sentimento, que lhe dá tanto prazer e lhe proporciona ver esse bem amado com tanta ternura, como retrata nos versos:

Se desvendo de ti o sol-posto
é porque vejo o coração
amar
e nada mais me dá tamanho gosto.

3 Considerações Finais

Podemos concluir que Maria Teresa Horta é uma referência na luta em prol das mulheres, ao trazer as vozes de mulheres oprimidas na história política ou literária. É relevante analisar a área escolhida por Horta, como intelectual, para proferir sobre vida das mulheres. Ela estabelece uma nova sensibilidade em relação à posição da mulher na sociedade.

Além disso, com relação ao poema, pode-se depreender que ele descreve com bastante profundidade sensações e pensamentos que nos tomam quando amamos alguém. De tal forma que mesmo que esse ser amado seja talvez coberto de defeitos e falhas, sejam elas nítidas ou não, não queremos retratar isso a ninguém, muito menos a nós mesmos.

Referências

BITTENCOURT, Miriam Raquel Morgante. **A escrita feminina de Maria Teresa Horta**. 2005. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Literatura e Vida Social. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2005.

BRIDI, Marlise Vaz. **Eco dos Clássicos na poética de Maria Teresa Horta**. Revista Navegações, São Paulo, jun. 2009.

HORTA, Maria Teresa. Invenção. In: **Poemas para Leonor**. Portugal, Editora Dom Quixote, 2012.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JAMESON, F. **A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MASTELLA, A. S. **O Pós-Modernismo na Literatura e nos Estudos Organizacionais: Manifestações e Características**. In: ENANPAD: 2012. Anais... Rio de Janeiro/RJ.

GUEDES, Ruth Soares. Maria Teresa Horta: a vez do sentimento intrínseco feminino. In: **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó – Breves. ISSN: 2358-1131



OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. **Maria Teresa Horta: Primeiros escritos**. Cadernos de leitura comparada. UNESP – Campus de Assis. 2001.

REYNAUD, M. J. Maria Teresa Horta. In: *Vozes e Olhares no feminino*. Porto: Edições Afrontamentos, 2001.

SECCO, Lincoln. **A Revolução dos Cravos**. São Paulo: Alameda, 2004, p.115.